

MUNDO LITERARIO

SEMANÁRIO DE CRÍTICA
E INFORMAÇÃO

LITERÁRIA, CIENTÍFICA E ARTÍSTICA

N.º 51 ★ 7 DE DEZEMBRO DE 1946

NESTE NÚMERO

Entrevista com Vladimir Jankélévitch ● Sobre os desenhos de Júlio, por *Adolfo Casais Monteiro* ● Variantes, por *Breda Simões* ● Poesias de *Eugénio de Andrade* e *Alexandre O'Neil* ● O saudosismo e os desastrados, por *Jorge de Sena* ● PANORAMA CIENTÍFICO — O Segredo Atómico, monopólio dos grandes bencos e «trusts» — A investigação científica no dealbar da era atómica — Prémio Nobel da Medicina — Noticiário ● PANORAMA MUSICAL ● TEATRO ● CINEMA ● AS IDEIAS E OS HOMENS — Onde se assiste ao patriótico espectáculo de um português que vai ao Brasil para dizer... que não há literatura portuguesa! — Uma homenagem a António Nobre ● CRÍTICA — «Meridianos críticos» ● TRIBUNA DO LEITOR

SOBRE OS DESENHOS DE JÚLIO

POR ADOLFO CASAIS MONTEIRO

DUAS linhas decisivas percorrem a obra até hoje realizada por Júlio: uma, é um veio lírico e amoroso das formas, é a candura dos sentidos e da emoção querendo perpetuar a alegria dos momentos perfeitos; a outra vem da amarga experiência, do choque daquela mesma candura com as arestas vivas e constantes de todas as misérias do mundo, de todas as ignomínias humanas.

Muitos artistas parecem reduzir-se a espectadores duma realidade que lhes fôsse alheia; formalistas, no mais exacto sentido da palavra, as mais «belas» coisas aparecem, nos seus desenhos ou nas suas telas, como a baça refração de um espelho; passivos, querem só reflectir as formas.

O que vale em primeiro lugar nos artistas como Júlio é que a passividade lhes está vedada. A

(Conclui na página 16)

«MUNDO LITERARIO»

OUVE O FILÓSOFO FRANCÊS VLADIMIR JANKÉLEVITCH

GRAÇAS à amável interferência do sr. Marcel Dany, «attaché de l'information» da Legação de França, tivemos oportunidade de encontrar, na «Alliance Française», uma das mais destacadas figuras do pensamento francês contemporâneo: Vladimir Jankélévitch, que, quando o presente número sair, já terá dissertado perante vários auditórios portugueses, no Porto, em Viana, Faro e Lisboa.

Vladimir Jankélévitch, actualmente «maitre de recherches» no Centro Nacional da Investigação Científica, em Paris, possui todos aqueles títulos que acreditam oficialmente, que são como o cartão

de visita da competência universitária: antigo aluno de *Normale Supérieure*, *agrégé de philosophie*, *docteur ès lettres*, etc.

Mas não foram os títulos universitários que nos fizeram acolher com alvoroço a oportunidade, mas sim a personalidade garantida, não por títulos oficiais, mas por uma obra rica e vária, em que ao lado do filósofo se revela o musicólogo, numa reunião de bom augúrio, que se confirmou quando, logo às primeiras palavras, Jankélévitch se mostrou o perfeito oposito do catedrático solene, que já nos dispúnhamos a imaginar de longa e sedosa barba. Novo, nervoso, com uns olhos prescruadores e ao mesmo tempo cheios



DESENHO DE JÚLIO

MUNDO LITERÁRIO

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E INFORMAÇÃO

LITERÁRIA, CIENTÍFICA E ARTÍSTICA

LISBOA, 7 DE DEZEMBRO DE 1946

Preço avulso 2\$50

Director

Jaime Cortesão Casimiro

Editor:

Luis de Sousa Rebelo

Corpo directivo:

Adolfo Casais Monteiro
Jaime Cortesão Casimiro

Propriedade da
EDITORIAL CONFLUENCIA, LDA.

Redacção e Administração:
Rua da Misericórdia, 81-4.º Dto.
— LISBOA —

Composição: Rua da Misericórdia, 81-4.º
Impressão: LABOR, Rua do Barão, 31

SAI TODOS OS SÁBADOS

Distribuidores exclusivos em Portugal, Ilhas Adjacentes e Colónias: *Editorial Organizações, Lda.* — Largo Trindade Coelho, 9-2.º — Telef. 27507 — LISBOA

Distribuidores exclusivos para o Brasil: *«Livros de Portugal, Lda.»* — Rua Gonçalves Dias, 62 — RIO DE JANEIRO

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ASSINATURAS

Se quer receber em casa MUNDO LITERÁRIO, envie-nos o seu endereço, bem legível, acompanhado da importância correspondente ao período que desejar, por meio de vale de correio ou carta registada.

12 números 27\$50
24 números 53\$50

Assinaturas de experiência:

6 números Esc. 15\$00
Portes de correio incluídos

PAGAMENTO ADIANTADO

de calor humano, Jankélévitch é tudo menos doutoral.

E esta impressão, as suas palavras só a confirmaram: um dos temas em que o filósofo insistiu mais, como se receasse que o repórter não a fixasse, foi a separação existente, em França, entre a filosofia viva e a filosofia oficial, ou seja: a Sorbonne. Como falássemos do existencialismo (sobre o qual, diga-se desde já, o filósofo não esconde o mau humor à ideia de que possa ser tomado como filosofia francesa) fez-nos notar que nem Sartre, nem Gabriel Marcel, tinham lugar no ensino oficial, enquanto, há umas dezenas de anos, as mais vivas expressões da filosofia francesa, e as mais contrárias, como o sociologismo de



Durkeim e o espiritualismo de Bergson «tinham cátedra». O ensino da filosofia estaria pois, neste momento, divorciado dos interesses mais actuais desta: perguntamos ao filósofo se tinha sido discípulo de Bergson — mas Jankélévitch, que é autor duma obra fundamental sobre o autor dos «Dados Imediatos da Consciência», diz-nos que não.

Como falássemos de Bergson, Jankélévitch tem a oportunidade de fazer uma curiosa observação; a de que os existencialistas são bergsonistas que se ignoram (*sans le savoir*). E nota a propósito a injustiça de que é actualmente vítima a filosofia de Bergson; embora não se tenha convertido — afirma — a aproximação de Bergson, nos últimos anos da sua vida, com o catolicismo, valeu-lhe uma grande incompreensão. Ora o próprio Sartre deve muitos dos seus pontos de vista sobre a imaginação ao bergsonismo! E Jankélévitch afirma-nos a sua convicção de que, dentro de alguns anos, quando o existencialismo deixe de estar em moda, se venha a fazer justiça ao bergsonismo, e que haverá «un retour à Bergson».

Isso leva-nos a falar da tradição

filosófica francesa, e, inevitavelmente, de Descartes. O nosso entrevistado alude ao racionalismo de Benda que, segundo ele, se pretende de raiz cartesiana, mas não o é. Vem a talho de foice a fusão que certos pensadores pretendem fazer entre cartesismo e materialismo. Jankélévitch não hesita:

— Mas só «cortando ao meio» o pensamento de Descartes! Só fazendo abstracção de metade da sua filosofia isso seria possível!

Aludindo ao positivismo, Jankélévitch, que lembra a sua expansão no Brasil, refere que a atitude de «desconfiança» da Sorbonne perante a metafísica não é propriamente atitude positivista, mas revela um positivismo difuso, que ela tenta hoje vencer, procurando interessar-se pelas correntes mais vivas do pensamento.

O nosso entrevistado vê toda a vantagem na diversidade de correntes simultâneas, no campo da filosofia. Recorda-nos que no século XVII, como no século XVIII, a filosofia francesa manifestava a sua vitalidade pelo contraste de doutrinas que se opunham, mesmo violentamente — mas no campo das ideias. O mal, afirmamos, é que isso seja transformado numa oposição de «direitas» e de «esquerdas», e que a filosofia vá atrás das lutas partidárias. Qualquer doutrina do Estado — acrescenta — é coisa inadmissível na filosofia.

O leitor calcula que, sendo tão de actualidade, não deixássemos de insistir junto do nosso entrevistado acerca do existencialismo. Para Vladimir Jankélévitch há que distinguir a voga mundana que a doutrina está a ter, da verdadeira filosofia. Faz-nos notar que (conforme já de passagem registamos), como aliás o próprio Jean-Paul Sartre repetidamente assinala, o existencialismo não foi criado por ele. Fala-nos em Kierkegaard, em Heidegger... E a propósito acentua a pouca simpatia que lhe merece este último, pela atitude dúbia (é o menos que se pode dizer...) por este assumida perante o partido nazi. Compreendemos que, para um francês, as feridas recentes possam levá-lo a ser injusto para o filósofo alemão, e preferimos desviar a conversa para outros aspectos da questão. Fala-nos da influência que a guerra teria tido na voga duma filosofia desesperada como é o existencialismo. E Vladimir Jankélévitch, sem pretender negar a Sartre a condição de filósofo, insiste porém em que ele é sobretudo um escritor — e ter sido pelo romance, pelo teatro, muito mais do que filosoficamente, que o existencialismo se afirmou em França. Aliás, observa, a popularidade daquele é idêntica à da psicoanálise depois da outra

(Conclui na página 16)

VARIANTES

POR MANUEL BREDASIMÕES

TODA a poesia verdadeiramente moderna é romântica pelo seu carácter de exaltado lirismo e também porque brota espontaneamente da lição dos poetas chamados românticos, na medida em que estes pretenderam nacionalizar a poesia buscando-lhe as suas raízes populares. De resto, na sua fase mais activa, a fase revolucionária, isto é, na sua fase de formação, não será romântica toda a poesia, ou melhor, toda a atitude poética? Ou, usando as palavras de Rubén Dario:

Quien que «es», no «es romântico»?

Como Garrett dizia em 1845, teremos que afirmar hoje: o caminho da verdadeira poesia do nosso tempo será o da «renascença da poesia nacional e popular». (É curioso anotar que o nosso maior poeta romântico identificava o romantismo com essa renascença. Veja-se a Introdução ao primeiro volume do *Romanceiro*).

Em arte devem respeitar-se dois princípios aparentemente contraditórios. Deve ser-se revolucionário e tradicionalista. Entendendo por arte revolucionária aquela arte que, alheia a quaisquer compromissos, seja profundamente progressiva e não esqueça que o termo arte pressupõe simultaneamente lirismo, realismo e romantismo.

Por outro lado, deverá ser-se tradicionalista, entendendo por tradicionalismo aquela fecunda atitude que, igualando em significado os termos tradição e selecção, conduz ao aproveitamento dos elementos intemporais da arte. Concretamente: a nossa poesia deve ser tradicionalista na medida em que deve retomar o fio da nossa tradição lírica. E a verdadeira tradição lírica portuguesa está em todos aqueles artistas que representam a faceta autenticamente popular e primitiva. No ingénuo, vigoroso e popular lirismo medieval, e em todos aqueles poetas que foram reatando esse fecundo lirismo, de Gil Vicente a Miguel Torga.

INFORMAÇÃO LITERÁRIA

REVISTA MENSAL DE
CULTURA E BIBLIOGRAFIA
R. Oriental de Montarroi, 103—Coimbra

A poesia portuguesa só será verdadeiramente realista quando entender que o realismo não pode ser mais do que uma utilização do real possível (a realidade é muito mais larga do que a maior parte dos realistas pretendem) e do real concreto (transfigurado artisticamente), servidos pelos ensinamentos da lírica tradicional.

A poesia não pode erguer-se em *transmundo*, porque a poesia vive do fluente: dos elementos sentimentais ou emocionais e dos dados sensíveis.

... Por isso a poesia não pode aceitar um *realismo stritu sensu* porque um realismo rígido, hipostasiando a realidade objectiva, limita o real e cria um novo *transmundo*: o do real objectivo.

A única realidade que pode servir a arte é a realidade possível, porque está em permanente devir.

«... la poésie vivante a toujours voulu jouer un double jeu, celui de l'oeuvre éternelle et celui de l'oeuvre de circonstance» (R. Kanters). Sem dúvida que o eterno e o circunstancial são os dois polos entre os quais

CURSOS DE GUARDA-LIVROS

CHEFE DE ESCRITÓRIO

PRIMEIRO
CICLO DOS LICEUS

LINGUAS

ENSINO PELO CORREIO

Fácil, completo, garantido. Escreva à *Escola Lusitana de Ensino por Correspondência*, que lhe enviará grátis o folheto de propaganda

RUA DE S. MAMEDE, 32-3.º E.
L I S B O A

gira a autêntica *poesia viva*. Mas, no sentido em que o entendemos, o realismo não sacrifica o eterno em benefício do circunstancial, muito embora este deva servir-lhe sempre de suporte. É a força categórica das circunstâncias (e não o simples desejo de atingir o circunstancial) que determina a *poesia viva*. Mas essa força inicial, primitiva, essencial, humana, telúrica, só utilizada esteticamente pode produzir poesia. O poeta deve possuir o sentido do eterno: e dele deve partir para o circunstancial, utilizando-o no plano da arte, que é como quem diz, eternizando-o. Usando uma expressão heracliteana «a harmonia resulta dos contrários em luta» — o que quer dizer, no caso presente, a *poesia resulta de uma luta entre o circunstancial e o eterno*; luta da qual saem vencedoras as duas partes pela «fusão dos contrários». E luta da qual o maior vencedor é sempre o verdadeiro Poeta.

Do parágrafo anterior se infere um critério de universalidade do artista e da obra de arte; critério no qual universal e nacional (ou melhor, regional) se não opõem, senão que se harmonizam, muito embora se não impliquem.

Entendemo por universal a obra de arte que atingiu (ou venha a atingir) o eterno, isto é, o intemporal. Quer dizer: que sendo do seu tempo (e, portanto, moderna em relação a ele) perdue moderna, porque se ultrapassou. E este conceito comporta perfeitamente (ou não repele) o regional, porquanto em poesia o regional só tem sentido como determinante, isto é, como elemento de inspiração e determinação da obra, e não como fim. Não podem existir artes nacionais, senão que existe Arte: o que podem é existir artistas que revelem em maior ou menor grau, uma inspiração local. É, por exemplo, o caso de Lorca (a quem ninguém pode negar a categoria de poeta universal) que continua a reagir como bom granadino mesmo em poemas cujo tema foi captado bem longe da sua Granada: o *Poeta en Nueva York* não é mais do que a reacção do granadino perante uma civilização que não podia compreender, à qual não podia aderir como poeta e como homem.

Fazer poesia é inventar um idioma novo que exprima um estado emocional, um estado de «graça poética»: o estado de poesia.

TODAS AS EDIÇÕES BRASILEIRAS
CITADAS OU NÃO EM «MUNDO LITE-
RÁRIO» PODEM SER PEDIDAS PARA
LIVROS DO BRASIL, RUA VÍTOR COR-
DON, 29 — LISBOA, QUE AS ENVIARÁ
RÁPIDAMENTE PELO SEU SERVIÇO
DE REEMBOLSO POSTAL.

AS IDEIAS E OS HOMENS

Onde se assiste ao patriótico espectáculo de um português que vai ao Brasil para dizer... que não há literatura portuguesa!

NÃO foi sem um gesto de repulsa que pousei na mesa aquele jornal brasileiro. Ainda me custava a acreditar no que acabara de ler. Má fé? Ignorância? Inconsciência? E continuo a hesitar...

O que acabara de ler era a entrevista de um português, concedida a *O Jornal*, do Rio de Janeiro, e publicada a 18 de Outubro passado. O entrevistado é o Sr. Luiz de Almeida Braga. Que pode dizer este nome aos nossos leitores? Aos mais novos, nada, certamente. Os de quase quarenta anos, e mais velhos, recordarão que esse nome surgira há umas dezenas de anos, no apogeu do movimento integralista. Depois, apagou-se, e não tem hoje nenhum lugar de destaque nas nossas letras. Exactamente o contrário das afirmações de *O Jornal*, que não hesita em afirmar que ele se conta «entre os intellectuais de maior prestígio nos círculos literários portugueses do momento». Um momento muito antigo... Mas, fiados neste exórdio, os leitores daquele jornal terão decerto consignado no seu espirito as incríveis afirmações do autor de *Sob o pendão real*.

Não hesito em pôr a questão no plano do patriotismo. Aquela entrevista é, pura e simplesmente, o acto de um mau português, de qualquer ponto de vista que se encare. De um homem que não hesita em dar uma ideia ridícula da literatura do seu país, só para salvar (!) os nomes de alguns amigos e correligionários. Ridícula e insensata. Porque a entrevista do sr. Luiz de Almeida Braga ultrapassa em insensatês tudo quanto se poderia imaginar.

Diz aquele senhor, perguntado sobre o actual sentido da literatura portuguesa, que «Nos ensaios de filosofia e nos estudos históricos há uma grande firmeza de pensamento revelada na mais clara e ordenada forma». Muito bem; pois sabem os leitores que nomes, depois desta aperitiva menção, o sr. Almeida Braga desvende à curiosidade do reporter? Nem mais nem menos do que estes: Hipólito Raposo, Caetano Beirão e João do Amaral. Bem, dirá o leitor, é claro que ele não deixaria de citar os seus correligionários. Mas além desses, quem citou ele? Ah leitor ingénuo! Mas mais nenhum! Está ali, naqueles três génios, a filosofia e a história. Não há mais ninguém!

O leitor engole em seco, mas resta-lhe uma esperança: quais serão os romancistas eleitos do sr. Almeida Braga? Quais? Nenhum!! Com efeito, começando por declarar que «há uma

grande inquietação, uma ânsia de fórmulas novas no romance e na poesia», o eminente autor de «Posição de António Sardinha» só consegue informar o reporter sobre... quais são os romancistas brasileiros que maior influência exercem em Portugal!! Quanto aos influenciados, são de tal maneira anónimos, coitadinhos, que, porventura, o sr. Almeida Braga lhes ignora sequer o nome. Seria amnésia? Não sabemos senão que, tendo descoberto aqueles três mencionados génios da filosofia e da historiografia, o entrevistado só conseguiu descobrir mais três nomes... dos quais só um lhe saiu direito. Com efeito, a poesia consubstancia-se, para ele, em dois polos: a «Poesia Nova», representada por Miguel Trigueiros, e o «Novo Cancioneiro», do qual «merece ser lembrado»... Fernando Cochofel. João José, sr. Almeida Braga, João José.

E para completar as confusões, já que de omissões havia o suficiente, o sr. Almeida Braga termina por fazer do humorista Bastos Guerra, não só romancista católico, como autor de *Cana ao vento*, o que nos permite verificar que era sua intenção referir-se a Bastos Xavier, jovem romancista que se estreou há pouco na colecção «Novos Prosadores». Que os romancistas católicos agradeçam ao sr. Almeida Braga tê-los trocado por um humorista.

Resumindo: além do próprio sr. Almeida Braga, evidentemente, e dos seus amigos, a literatura portuguesa só oferece à atenção do ilustre entrevistado dois nomes trocados e... o poeta Miguel Trigueiros. Não será vergonhoso que um intellectual português não tenha mais ninguém em que falar? E que, falando em tão pouca gente, lhe sobre contudo tempo para dizer que «são os romancistas brasileiros que dirigem em grande parte certo sector do novo romance português»?! Que grande patriota! Como ele conhece bem a literatura do seu país!! Também o seu patriotismo, decerto, o terá levado a dizer, acerca do «Novo Cancioneiro», que esses poetas se mostram «mais atentos ao que se passa longe de Portugal do que ao íntimo sentir da nossa tradição lírica»; e nós que sempre tivéramos a impressão de ser precisamente a atenção aos problemas portugueses, ao drama dos homens daqui mesmo, que caracterizava a orientação daquele grupo! Mas, é claro, isso não tem nada com a tradição lírica que preocupa o sr. Almeida Braga.

Mas o reporter, que também é de

arromba, resolve perguntar se havia poetas herméticos em Portugal. E então ouviu da boca inspirada do autor do *Culto da Tradição* estas afirmações dignas de transcrição: «Herméticos, se por esta palavra quiser significar discípulos de Paul Valéry, verdadeiramente não há. Mas herméticos me parecem ser certos poetas que odeiam as formas clássicas do verso e se perdem em longas formações de palavras sem ritmo. Sem ritmo e sem sentido. Dizem-se eles poetas modernos e enchem folhas de papel com palavras que, ao fim, não constituindo versos, são péssima prosa. Mas não vale a pena falar de poetas». Não se tem a impressão de estar a ler uma entrevista de há vinte anos? Era assim que há vinte anos um Eugénio de Castro e um Agostinho de Campos reagiam quando se lhes falava no que nesse tempo se designava por «poesia moderna». Simplesmente, não chamavam, honra lhes seja, hermetismo a qualquer espécie de versos que a eles parecesse prosa. Sabiam o seu português, e nunca diriam disparate de tanta monta.

E é isto, leitor. Agradeçamos ao sr. Luiz de Almeida Braga a maneira como ele entende honrar a literatura do nosso país no estrangeiro, dando a impressão de que, fora dos que imitam os brasileiros, ela não oferece nada digno de registo e muito menos de apreço—a não ser o sr. Almeida Braga e a família... espiritual, está claro. Note-se: se ele é católico, como parece pela sua afirmação de que o grupo da «Poesia Nova» é «guiado pela luz do Evangelho», é de notar que ao menos podia citar os nomes dos romancistas católicos. Se o não fez, decerto não foi por má fé! E então pergunta-se a que título um homem que é católico e não sabe que há romancistas católicos no seu país, tem o direito de falar da literatura que nele se faz.

Sejamos francos: o sr. Alibert, ao qual tivemos ocasião de censurar aqui os seus erros, confusões e omissões, faz um figurão se o comparamos com este português! Quase sentimos obrigação de lhe mandar pedir desculpa, porque é um estrangeiro e, no fundo, a sua intenção era excelente—e conhece a literatura portuguesa muito melhor do que este «ensaísta profundo e brilhante, crítico literário de raro poder de penetração e análise», na opinião de *O Jornal*.

ADOLFO CASAS MONTEIRO

P. S. — Cometi uma grave omissão: há mais um poeta, para o sr. Almeida Braga: Mário Beirão, «que é neste momento o grande lírico da poesia portuguesa». De facto, ao que nos informam, o poeta Mário Beirão também marcha «sob o pendão real» — o que explica tudo.

Uma homenagem a António Nobre

PPROMOVEU a Casa do distrito do Porto, na noite de 16 de Novembro uma homenagem a António Nobre, composta de duas partes principais: o programa-convite, em cinco páginas (não contando a do endereço) e o sarau propriamente dito, em quatro partes (contando-as todas).

Ora, em boa justiça apenas deveriam contar-se: António Nobre, o conferente — Guilherme de Castilho —, e o que de regionalístico não tenha havido nas intenções da selecta agremiação.

O programa, que se cumpriu tão integralmente, quanto por ele próprio era de calcular, começava por declarar António Nobre, um «poeta singularíssimo e muito querido em Portugal», em termos de dicionário.

E, ainda na mesma página, continha dezoito mimosas linhas, alusivas ao Poeta, e que «o Dr. Júlio Dantas escreveu», em termos de Academia. Voltava-se a folha, e eis a efigie de Nobre, segundo um «desenho de Celso Herminio, gentilmente cedido pelo pintor d'Arte, Alfredo Cândido». Este «d'arte» gentil, com apóstrofe e tudo, é um encanto de modéstia e cautela, digno, realmente, das barato-salgueirais Belas Artes ou das Malas Artes do Salão Silva-Porto e prolongamentos. Mas ainda havia, também gentilmente cedida, mas «pelo distinto poeta Alberto de Serpa», uma fotocópia do manuscrito da Pobre Tísica! — a única coisa sensata, como se verá, naquele desbarato de papel. Porque a página do convite para a sessão cultural (!!!!...), em que até figurava «a portuense Cidália de Meireles, a cantora n.º 1 da Rádío Portuguesa» (sic) — acontecimento artístico que levou muita gente a sacrificar-se ao aperto e a António Nobre—essa página acentuava que tudo aquilo se passava em «casa de V. Ex.ª». Veja-se a que um pobre mortal está sujeito! Mas o leitor já vai ver melhor.

«Em «duas palavras», eufemismo no qual nem cabia o nome do conferente, o Padre Moreira das Neves apresentou Guilherme de Castilho, que leu, em adaptação à

circunstância, um trecho do seu livro, ainda inédito, sobre António Nobre, e do qual o Mundo literário já publicou um capítulo, Tratar-se de um trabalho sério e documentado, em que a vida coimbrã de Nobre era discretamente evocada. Ao terminar, o público, que, desde o início, lançava olhares justificados e chaméjantes à, segundo o programa, «dupla sensibilidade feminina e artística» da argentina Cleo Marian (Robes et manteaux, segundo Guido da Verona), aplaudiu com a ansiedade apropriada ao facto de, entretanto, já resplandecer no estrado o «brilhante» jornalista Armando de Aguiar. E foi assim que se ficou sabendo o curiosíssimo informe de, estando este senhor em «Terras de Santa Cruz, essas plagas que, por volta de 1500, P. dro Alvares Cabral ajudou Colombo a descobrir» (!!! — perfídia histórica que só o fogo do improviso explica nestes embaixadores da história pátria) foi o «regresso à terra, nessas Biblias que são o Sò, de António Nobre, e o Auto do Vinho Novo, de António Correia de Oliveira», que lhe permitiu «tratar com facilidade um tema grandioso», na obra «desse outro grande português que se chamou Eça de Queiroz», e que o mesmo senhor tinha de passar a ferro de conferência no curto espaço de quinze dias. Foi por isso que Amado Nervo, Leopoldo Lugones e Ruben Rario exaltaram a terra onde nasceu a ilustre artista Cleo Marian (1), que veio a Portugal, sendo filha de portugueses, «para conhecer o lirismo da alma portuguesa», de que escolheu e estudou dois sonetos que fazem parte do Sò, que é de António Nobre, e onde se esclarece, para jornalistas brilhantes, o regresso à terra. O público entendeu? E o leitor? Não.

Mas isto não era para entender, era para apresentar.

Colhidos os louros do aplauso, o mesmo senhor deu lugar à «talentosa argentina», que se aprumou, encolheu, pôs as mãos, fechou os olhos, abriu os olhos, sacudiu a cabeleira, levantou as mãos, fechou os olhos, e estendeu ao compriado, no tapete do estrado a flor da «infância alada» de António Nobre, a qual, como é sabido pelo soneto, tombara da haste. Mas logo, porque era alada a infância, as mãos se ergueram num esboço de vôo, que também serviu para as pombas. É claro que, depois de tudo isto, não havia talento que endireitasse outra vez aquela tombada haste... Valeu a António Nobre que, ali, não havia só falta de talento... Seguiram-se, ainda, alguns soluços para a ama do Poeta, a propósito de outro soneto célebre, após o que a «cantora n.º 1 da R. P.» ofereceu, à recitatriz, um

exemplar do Sò (é de supor), como garantia de futuras exhibições.

Limpo o estrado das hastes e das lágrimas, houve um tropel de cadeiras, estantes e músicos. Os dilletantes suspiraram, saboreando o afinar dos instrumentos do «conjunto da Emissora Nacional». E então... a voz da cantora arrastou ao longo de uma ignóbil composição de programa de variedades, música (bscenamente ligeira, cançoneta para radiófilos «swings», «O Sonho do João», do Sò, com música (?) de Júlio Santos». O nome do autor foi nomeado e palmeado em especial, não fosse ficar esquecido o perpetrador de semelhante proeza. E com uma descida à Cave Regional (se é que era possível descer mais) terminou aquela «homenagem póstuma». Bem dizia António Nobre, que, mortas as «Came-las», só ficava a camelice...

J. de S.

HORIZONTE

JORNAL DAS ARTES
QUINZENÁRIO

Redacção e Administração:

Rua da Misericórdia, 81-4.º-D.º

ANTOLOGIA DE AUTORES PORTU- GUESES E ESTRAN- GEIROS

POESIA

Volumes publicados:

RABINDRANATH TAGORE
Introdução, selecção e tradução de
Augusto Casimiro

FERNANDO PESSOA
(Ele-mosmo, Alberto Caeiro, Ri-
cardo Reis e Alvaro de Campos)
2.ª Edição

JULES SUPERVIELLE
Estudo crítico e selecção de
Adolfo Casais Monteiro

A sair:

JORGE DE LIMA
WALT WITHMAN
CARLOS DRUMOND DE
ANDRADE, etc.

Outras edições:

ADOLFO CASAIS MONTEIRO
EUROPA

Poema

CARTAS DE FERNANDO
PESSOA A A. C. RODRIGUES

Editorial Confluência, Lda.

PARA A HISTÓRIA DA CULTURA EM PORTUGAL

por António José Saraiva

— Não deixe de ler este livro —

Edição do Centro Bibliográfico

Distribuidor:

Publicações Europa - América

R. das Gáveas, 6, 2.º - Tel. 61861 Lisboa



P A N O R A M A

O SEGREDO ATOMICO monopólio dos grandes bancos e «trusts»

A 6 de Agosto de 1945, 16 horas depois da bomba de Hiroshima, o Presidente Harry Truman declarava: «Nunca foi hábito dos sábios deste país nem política do governo afastar o público do conhecimento científico. Tudo o que diz respeito à produção da energia atômica será tornado público...»

Passaram doze meses, doze meses de paz. Mas a lei imperativa do segredo continua a pesar sobre a ciência americana. Interdição de publicar os resultados das investigações sobre a acção da potassa no crescimento das beterrabas. Interdição de tornar conhecido o papel do cálcio no brotar dos primeiros dentes. Interdição de divulgar aos doentes dos rins os resultados de um método que pode ser tão útil como a radiologia para os tuberculosos. Sobre os agrónomos, sobre os dentistas, sobre os médicos pesa a interdição do General L. P. Groves: «Qualquer pessoa que divulgue ou adquira informações complementares, seja qual for o meio, e sem autorização, incorre em penas severas da lei sobre espionagem». Penas severas, quer dizer a morte.

Entretanto, os sábios americanos multiplicam os protestos contra esta lei do segredo, que trava a investigação em todos os domínios da ciência, porque a bomba não é mais que uma aplicação entre dez mil, da energia atômica.

O nosso jornal foi o primeiro, de toda a imprensa mundial, a publicar o protesto dos sábios de Los Alamos e uma sensacional entrevista em que Joliot—Curie previa uma «guerra invisível» mais terrível que a guerra atômica, se o segredo fosse conservado. Publicamos hoje uma resolução do Congresso do Pensamento Francês ao Serviço da Paz, que reclama enérgicamente a rotura do segredo.

Quais são os verdadeiros senhores dos segredos atômicos? Podem ler-se os seus nomes no relatório do professor H. D. Smyth, o único documento oficial americano publicado sobre a energia atômica desde a explosão de Hiroshima.

Os segredos atômicos são de duas espécies: os segredos dos laboratórios que não são partilhados por três países mais sim por dez, e os segredos industriais que são um monopólio americano.

Os laboratórios fabricam peda-

ços dum milionésimo de grama, indispensáveis à investigação científica e à cura dos doentes. Só a industria pode fornecer aos quilogramas o Urânio 235, o Plutónio e centenas de substâncias ou de gases radioactivos, um vestígio dos quais basta para provocar a mais atroz das mortes.

Existem no mundo só duas fábricas atômicas. A de Clinton, em Oak Ridge, no Tennessee, e a de Hanford, em Pasco, no Estado de Washington. Em Hanford funcionam pilhas atômicas gigantes, de um milhão de quilovátios enquanto que a maior barragem do mundo produz dois milhões de quilovátios. Em Hanford também se encontram edificios que cobrem várias dezenas de hectares e onde se procede à separação do plutónio e do urânio 235, matérias explosivas das bombas atômicas.

O urânio é a matéria prima das pilhas. O minério de urânio é fornecido pela *Canadian Radium and Uranium Company*, filial de um consórcio internacional com predomínio americano. Para apreciar os fins humanitários prosseguidos por este consórcio, recordemos que ele foi, em 1936, acusada de restringir voluntariamente a produção de rádio, indispensável aos médicos e aos cancerosos, com o fim de manter os seus dividendos.

O urânio é tratado e purificado pela *Westinghouse Electric Company*, fundada em 1892 pelo todopoderoso *Banco Morgan*. As ligações da *General Electric* com o *trust* alemão da electricidade A. E. G. são universalmente conhecidas.

Se a *Westinghouse Company* forneceu a Oak Ridge e a Pasco, uma parte do urânio, cujo preço de custo ela soube fazer baixar de 2.000 para 45 dólares, o resto do urânio é fornecido pelo gigantesco *trust* químico *Du Pont de Nemours*, que ninguém ignora estar ligado por um contracto de troca de patentes com as fábricas *I. G. Farben*, de Francfort, que as bombas fabricadas por *Du Pont* pouparam milagrosamente...

A construção da fábrica de Clinton foi iniciada em 1942 pelos empreiteiros Stone e Webster. Mas, no mês de Outubro, este gigantesco contracto foi-lhes brusca e imediatamente retirado. Segundo o relatório Smyth, o General Groves descobriu repentinamente que só a companhia *Du Pont de Nemours* podia dirigir os trabalhos, e fez

uma «démarche» muito interessada junto de W. S. Carpenter, presidente do *trust* químico, falando-lhe em nome do Presidente da República, do ministro da Guerra, e do Generalíssimo.

W. S. Carpenter fez-se rogado e consultou o seu conselho de administração, certos membros do qual estavam ligados ao presidente dos E. U. A sociedade deu provas do maior patriotismo... Aceitou construir a fábrica, com a condição de não tirar da operação um lucro superior a um dólar, e de não entrar na posse de novas patentes. Estava também combinado que o Estado adiantava os fundos necessários à empresa e cobria todas as despesas ou perdas imprevistas.

Du Pont pediu o auxilio dos outros grandes *trusts*. A *Westinghouse*, já citada, que fabricou os centrifugadores. A *General Electric*, também já citada, assegurou o equipamento eléctrico da fábrica. A *Kellog Corporation* fabricou os filtros e as bombas, de colaboração com a *Bell Telephone*.

A *Bell Telephone* fundiu-se, em 1909, com a *American Telegraph and Telephone* e a *Western Union*. Estas companhias possuíam, em 1929, 80 % das redes telefónicas americanas, ao mesmo tempo que o circuito radiofónico *Columbia Broadcasting System* (C. B. S.), um dos mais poderosos do mundo. A *Columbia* é também uma das maiores companhias de Hollywood. A mais poderosa estação emissora da C. B. S. está instalada no *Centro Rockefeller*, em Nova-Yorque.

Isto não é por acaso. Os interesses Rockefeller tiveram um papel determinante na formação do colossal *trust* do telefone, da electricidade, da rádio, do telegrafo e do fonógrafo (C. B. S. *Western—Columbia, Bell-American Telegraph and Telephone*). Os interesses Morgan têm também um lugar na direcção deste *trust* multiforme. Em contrapartida, os interesses Rockefeller têm também lugar no *trust General Electric*. (*)

Rockefeller é o petróleo, é a *Standard Oil*. A *Standard Oil* forneceu a Clinton os aparelhos de centrifugação. E em 1943, certos trabalhos atômicos até então prosseguidos pelos laboratórios da Universidade de Chicago, foram exclusivamente confiados à *Standard Oil* de Nova Jersey. É ainda a *Standard Oil* que foi encarregada de construir na provincia da Colúmbia Britânica, do Canadá, uma fábrica de água pesada, matéria prima indispensável a todo um ramo da indústria atômica.

C I E N T Í F I C O

A investigação científica no dealbar da era atómica

Muitas vezes tem sido dito que Portugal é um país onde a investigação científica se tem sempre confinado na actividade difícil e precária de alguns raros trabalhadores solitários e está longe de dar um rendimento conforme com as necessidades da nação e com aquilo que é legítimo esperar das suas possibilidades. Ao procurar as raízes do mal (ninguém hoje se atreverá a negar que seja um mal!), vão alguns até filiá-lo em circunstâncias inerentes à indole dos «povos ibéricos», qual quer coisa que revestiria a forma duma carência colectiva daquelas qualidades ético-intelectuais que têm na criação científica o seu processo próprio e natural de realização.

Através dos extractos que a seguir damos dum artigo do Dr. Enrique Gaviola, Presidente da Associação Física Argentina, publicado na «Revista de la Union Matemática Argentina» (*), pode o leitor colher elementos para pensar se o maior ou menor desenvolvimento da actividade científica dum país não poderá considerar-se dependente mais radicalmente de circunstâncias muito menos profundas, e que mais está na mão dos homens controlar e modificar.

A. P. G.

(*) «Memorandum: La Argentina y la era atómica» in «Revista de la Union Matemática Argentina», volume XI, n.º 6, 1946.

Rockefeller e Morgan, Morgan e Rockefeller. Estes modernos marqueses de Carabas poderiam mandar gravar o seu nome em cada máquina, em cada peça, em cada pedra das fábricas de Clinton; e o mesmo em Hanford, construída nas mesmas condições, sob a alta direcção de Du Pont de Nemours.

Os verdadeiros senhores do segredo atómico, desse segredo cujo peso se faz sentir tam duramente nas negociações da O. N. U., não são pois nem os sábios, nem o exército, nem o governo americano — são os grandes bancos, são os trusts. (**)

PROCYON

(«Les Etoiles», 16 de Julho de 1946)

(*) Ver, por ex., «Tragic America» de Theodore Dreiser (Constable, Londres, 1932). Nota do tradutor.

(**) O representante dos E. U. na Comissão para a Energia Atómica, da O. N. U., é Bernard M. Baruch que, durante a 1.ª Guerra Mundial foi Presidente da Comissão das Indústrias de Guerra e tem grandes relações de amizade e financeiras com os directores de dois dos maiores bancos americanos: «National Bank» e «Chase Bank» e da «American Telephone Company».

INTRODUÇÃO

A ciência mundial atravessa actualmente — como resultado da sua importância decisiva na última guerra — uma severa crise que põe em perigo o seu futuro. A cultura científica do ocidente foi criada sobre a base duma ciência internacional ao serviço do progresso humano. Nos países que até ontem iam à cabeça da cultura da ciência foi agora nacionalizada e posta ao serviço da guerra.

O director do «National Bureau of Standards» de Washington, doutor em física Edward U. Condon, que até há pouco era Director dos laboratórios de investigação da Westinghouse, pronunciou em 5 de Março na capital dos Estados Unidos as seguintes palavras (traduzidas de «Science» de 5 de Abril de 1946): «O que está acontecendo?» «A cientistas proeminentes nega-se-lhes o privilégio de viajar no estrangeiro. Aos físicos não se permite discutir entre si certos campos da ciência, nem sequer aqueles que estão a trabalhar em aspectos estreitamente relacionados do mesmo assunto. Só podem comunicar entre si por vias oficiais, que implicam censura das suas comunicações por oficiais do exército sem conhecimentos, e por isso sem competência. Informação essencial para poder compreender (o ensino) é negada aos estudantes das nossas universidades, de modo que, se esta situação continua, os jovens estudantes que honramos aqui esta noite receberão dos seus professores uma versão aguada e passada pela censura militar («army-approved») das leis da natureza».

Ante tal situação é alto privilégio e é clara conveniência dos países não directamente interessados na terceira guerra mundial levantar e manter aceso o facho da ciência livre internacional.

Centenares de homens de ciência, com os melhores à frente, abandonarão os países onde se sintam oprimidos se encontrarem a possibilidade de trabalhar em terras em que reine liberdade científica. A Argentina está

em condições de receber a muitos deles, se o desejar. A sua vinda pode significar uma revolução industrial, científica e cultural para o país. Para que venham é necessário dar-lhes segurança económica, meios de trabalho e liberdade científica através dum organismo capaz de inspirar-lhes confiança. Tal organismo poderia, ser uma «Comissão Nacional de Investigações», formada pelos poucos homens de ciência activos de reputação internacional com que conta o país, que dispusesse de suficiente autoridade e recursos.

A CIÊNCIA E A GUERRA

Em tempos remotos, os engenheiros de talento que construíam fortificações e máquinas militares ou castelos — fortalezas, eram, a medo, mortos e enterrados na sua obra, com três propósitos: 1) para que o seu espírito continuasse defendendo permanentemente a obra; 2) para que os segredos da construção não fôsem divulgados; 3) para que o engenheiro não pudesse fazer depois construções análogas para o inimigo.

Por essa forma eram selectivamente eliminados os homens cujo talento tinha aplicação militar. E' provável que este método de eliminação dos melhores tenha retardado o progresso científico por milhares de anos e que tenha rebaixado o nível intelectual médio humano. Para isto contribuiu, sem dúvida, a queima de herejes e bruxos — os intelectuais do seu meio e da sua época. Isso explica, talvez, o facto certo de que o nível médio intelectual humano seja sumamente baixo na actualidade.

A construção da bomba atómica pelo esforço coordenado de vários milhares dos melhores cérebros dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá, estimulados por um grupo selecto de emigrados de Húngria, Itália e Alemanha, parece estar a ponto de renovar a história antiga: o progresso científico que começou em Galileu e cujo ritmo tem vindo a acelerar-se até os nossos dias, corre o perigo de ser detido e mesmo destruído pelo afã de manter o segredo das novas armas atómicas. A partir de 1940 reina um «black out» científico. Actualmente trabalha-se febrilmente em 4 países — Estados Unidos, Rússia, Inglaterra e França — sob o maior segredo, em produzir as armas atómicas para a terceira guerra mundial.

Os homens de ciência de primeira linha daqueles países já não podem falar, escrever nem viajar com liberdade. Vivem vigiados por espias e

LEIA
S E A R A
N O V A

SEMANARIO DE DOCTRINA
 E CRÍTICA

Redacção e administração:
 Rua da Rosa, 238-240 — LISBOA

(Continua na página 10)

USANDO as palavras do autor, acaba de «visitar os escaparates das livrarias» mais um livro do sr. Manuel Anselmo». A avaliar pela longa e variada lista das *Obras do Autor* — agrupadas nas quatro rubricas de: romance, conto e novela; crítica literária; ensaios filosóficos e doutrinários; e crónica literária — concluímos que se trata de um «ilustre polígrafo», na expressão consagrada por académicos e pela publicidade de livraria. «Polígrafo» continua a ser em *Meridianos críticos*, pois neste livro se reúnem artigos sobre os mais variados assuntos, desde Direito Público Internacional a Fernando Pessoa, desde a fome na Europa aos últimos romances do Brasil, desde António Ferro à bomba atómica. Uma tal vastidão de temas exige, como não pode deixar de ser, uma extensa cultura e uma facilidade intelectual difíceis de encontrar. Caso contrário, a pessoa que meter ombros a tal tarefa nada mais fará do que pavonear uma *cultura almanaque* ou alinhar disparates. Infelizmente para o sr. Manuel Anselmo, parece-nos ser este o seu caso.

Meridianos críticos é um livro que não podemos tomar a sério — por mais boa vontade que haja da nossa parte. Não podemos tomar a sério um livro onde a atitude de quem alcançou, talvez por uma divina revelação, a Verdade Absoluta nos choca de tal modo que sentimos vontade de sorrir — nós que aprendemos não existirem verdades absolutas senão na cabeça dos mal informados, que vimos estar a dúvida na base de todo o pensamento crítico. Choca-nos ainda a vaidade com que as afirmações são feitas, quer as que se referem aos problemas tratados, quer as que dizem respeito ao próprio autor. Ora a vaidade desculpa-se, até certo ponto, quando quem é vaidoso tem razão para isso. O pior é quando, por mais que procuremos, não descobrimos motivo para tal atitude. Mais uma vez, julgamos ser este o caso do sr. Manuel Anselmo — o que é de veras para lastimar.

Que encontramos nós nas quase trezentas páginas de *Meridianos críticos*? Uma longa série de dislates, contradições, erros crassos, frases sem sentido, banalidades — tudo isto ligado por uma prosa desconchavada que, se nos mostra, da parte do sr. Manuel Anselmo, uma grande abundância de palavras, indica também uma pobreza franciscana de ideias.

O sr. Manuel Anselmo não tem sequer a mais pequena noção do ridículo. Porque se a tivesse não escreveria, entre outras, as páginas dedicadas à *Fisionomia psicológica e intelectual de Manoel Lubambo*. Trata-se de um intelectual brasileiro por quem o autor de *Meridianos críticos* manifesta uma profunda admiração, cujas ideias — ideias políticas que ambos defendíamos» (pág. 106) — eram «reaccionárias, nacionalistas, católicas, anti-democrá-

CRÍTICA

MERIDIANOS CRÍTICOS

(PRIMEIRA SÉRIE)

POR MANUEL ANSELMO

PORTUGÁLIA EDITORA — LISBOA 1946

ticas e anti-liberais» (pág. 112). Afirma o sr. Manuel Anselmo, a meio do seu panegírico: «Esse feíto, essa intolerância temperamental, forçaram Lubambo a proibir os filhinhos de ir para a praia só para que não pudessem ver e impressionar-se com o espectáculo de semi-nudez que nela se estadeava; e a não consentir um aparelho de rádio em sua casa para evitar à Família (que ele estremecia) o contacto com a música, cançonetas, impertinências de linguagem e noticiário que ele considerava indignos de uma perfeita e pura educação cristã. Lubambo foi sempre, assim, um espírito gótico, percorrido de certezas das quais não abdicava e sobre as quais nunca transigia» (pág. 108). Parece mentira, mas é verdade! O leitor que avalie, por esta amostra, quem era esse *intelectual*, falecido em 1943 (!), e que, ainda por cima, «nunca perdoava aos outros um minuto de dúvida, um segundo de cansaço, um átomo de desesperança.» (pág. 104).

O leitor que avalie também a irresponsabilidade *literária* do sr. Manuel Anselmo que fala nas suas «responsabilidades de crítico literário» (pág. 130) para afirmar em seguida esta coisa espantosa: «Depois de Eça para cá não conheço nas letras portuguesas quem, como Júlio Dantas e Augusto de Castro, assim saiba associar a um estilo florido, magnífico de colorido e louçania, o pólen de uma emoção psicológica e intelectual condutora das imagens e dos temas.» (pág. 130-131).

Avalie-se ainda o *poder-crítico* do sr. Anselmo que nem sequer repara que está a contradizer-se de momento a momento. Diz o autor de *Meridianos críticos*, por exemplo, que «a obra do Dr. Samuel Maia é uma das mais representativas da literatura portuguesa do nosso tempo (...) principalmente pelo aspecto da atenção pelo humano e pelo científico que ela revela» (pág. 87); afirma depois que « neste romance (*Mudança de ares*), o material humano é quase secundário» (pág. 88), para voltar a dizer que «nesse romance que termina com dois casamentos, quem ordena, quem domina a acção, é a força viva dos instintos humanos» (pág. 89). Afinal, sr. Manuel Anselmo, em que ficamos?

Depois da leitura de *Meridianos críticos*, sentimo-nos talvez capazes de responder à dúvida que o sr. Anselmo manifesta no primeiro artigo deste volume, quando declara: «Não sei ao certo se sou um crítico, um romancista ou um poeta» (pág. 16). Que não é crítico, mostram-no exuberantemente as páginas que escre-

veu. Se é romancista, não sabemos, pois nunca nos foi dado ler nenhum romance da sua autoria. Quanto à hipótese de ser poeta... parece-nos aceitável. Tão poeta que entrecorta a sua prosa com apontamentos e fugas pseudo-líricas que atestam eloquentemente as alturas atingidas pelos seus vãos poéticos. O leitor que avalie, mais uma vez, por estas duas amostras, escolhidas entre muitas outras: «Morria lá fora uma tarde salpicada de um sol tão vivo que até parecia derramar sobre as águas do Tejo uma hemoptise de príncipe russo embriagado» (pág. 73). E essa outra: «Tive a impressão de ir encontrar naquelas paisagens tropicais, de que me parecia sultão o lírico rio Capibaribe com as suas águas gordas e já habituadas à picada de alfinete dos poetas sensuais, uma emoção paradisíaca» (pág. 95).

Mas há mais, muito mais, pois o sr. Manuel Anselmo não se limita apenas ao domínio literário ou ao elogio dos seus amigos. Faz ainda considerações sobre história, filosofia, política, etc., etc. Faz descobertas sensacionais, por exemplo, quando afirma que «a grande guerra que findou, por ser de estirpe planetária (...) foi antes o resultado de um cansaço de culturas, de ideias feitas, de lugares-comuns políticos e morais, de mil e uma experiências sem sentido, expressão ou idealismo» (pág. 19); quando diz que «o liberalismo» não foi «criação (...) específica da Renascença porque foi obra pessoal de Lutero» (pág. 214); ou quando declara que «o sangue da Europa (...) libertará o mundo e redimirá os homens» (pág. 41), como se a Europa fosse assim uma espécie de Cristo dos continentes!

Quase no fim do volume, encontramos um artigo — *Juízos sobre a bomba atómica e a cultura* — que reputamos digno, aliás como muitíssimos outros dos seus *Meridianos críticos*, de figurar numa futura antologia da asneira do nosso século, e de figurar nas suas páginas de ouro! «Quero referir-me à bomba atómica — essa poesia lírica que a ciência já classificou de futurista...» (pág. 247) — diz o sr. Manuel Anselmo, para acrescentar a seguir que sabe «que esta última descoberta, arrojada, mas a considerar talvez um dia como melancólica expressão contemporânea do génio judaico, tem um significado decisivo na vida da humanidade» (pág. 248). E ainda não contente com tudo isto, faz depois as seguintes declarações, num parágrafo que transcrevemos integralmente, pois o julgamos indispensável para um completo conhecimento da *personalidade* do autor em questão: «A ciência parece-se com o uso e as épocas. Arisrece-se com a alta costura: os seus modelos cansam-se com o uso e as épocas. Aristóteles continua porém apesar do fuzilamento de Danton. O sonho imperial de Disraeli vive na nobre Inglaterra de agora e de sempre — não obstante ninguém se lembrar já, Conclui na na página 15

ELEGIA DA SOLIDÃO

Ao FERNANDO VALLE

*Todos os cavalos estão mudos, mudos,
transformados em pedra pelo grito dos clarins.
Os soldados morreram na batalha
e nem a noite de silêncio os lembra.
Cada um tinha um nome, um nome
que só as mães sabem no seu luto.
As paredes estão hirtas e escorrem
a grande solidão das horas mortas.
E contudo antes da partida
cada um tinha um nome, um nome
que era doce ouvir chamar.
Um nome que não era solidão,
um nome inteiro como um brinquedo.
Todos nós morremos na batalha.
A cidade é um cemitério aberto.
Ninguém lembre! Percam a memória!
Ou se quizerem um sinal da cruz
basta para assinalar a batalha
onde todos os soldados morrem.
Só as raízes nos sabem o destino.*

POEMAS

*Passamos pelas coisas sem as ver,
gastos, como animais envelhecidos.
Se alguém chama por nós não respondemos,
se alguém nos pede amor não estremeçemos,
como pontos de sombra sem sabor
vamos caindo ao chão apodrecidos.*

*Somos como árvores
só quando o desejo é morto.
Só então nos lembramos
que Maio traz em si a primavera.
Só então, graves e despidos,
ficamos longamente à sua espera.*

*Quando em silêncio passas entre as folhas,
uma ave renasce da sua morte
e agita as asas de repente;
tremem maduras todas as espigas
como se o próprio dia as inclinasse
e gravemente, comedidas,
páram as fontes a beber-te a face.*

*Gostava tanto de me encontrar na vida
com o à-vontade desta cerejeira
e sentir a terra na raiz
e dar versos ou florir desta maneira.
Abrir os braços e deixar cair
flores, folhas ou o que quer que seja
e ver o tempo, como um bicho verde,
a roer o coração duma cereja.*

EUGÉNIO DE ANDRADE

A BILHA

*Bilha: forma que se casa
com o meu coração,
a dar-me, simples, a asa,
como um menino a mão!*

*Bilha que serve, na mesa,
e espera, sobre a toalha,
que a gente sinta a beleza
de quem trabalha...*

*Bilha: donzela que dançou,
dançou tanto de roda,
e na pose que me agrada,
de-repente ficou!*

*Bilha só para me ver...
Parece uma rapariga,
que ninguém quer,
a mostrar a barriga...*

*Bilha — mais bela por servir,
por nem sempre conter,
por se poder
partir...*

*Bilha que trabalha, que serve,
que se enche e esvazia,
com a água e com a sede
de cada dia!*

*Serás, bilha, só a terna
parede feminina,
entre o espaço que te cerca
e o espaço que te anima?*

*Mas da própria condição
de só deveres conter
água para beber,
se forma o teu coração!*

ACORDEÃO

*Não o amor não tem asas
se tem asas são as mãos
que se enlaçam para a festa
maravilhosa do corpo
e entre elas o coração
coração acordeão*

ALEXANDRE O'NEILL

PANORAMA CIENTÍFICO

A investigação científica no dealbar da era atômica

(Continuação da página 6)

contra-espias, sob a ameaça duma acusação de traição à sua pátria.

Muitas vozes de protesto se têm levantado de entre os homens de ciência que forjaram a bomba atômica — e também de entre os que o não fizeram — contra a destruição a que assistimos da ciência livre internacional. Os protestos, até agora, não surtiram efeito sensível.

De Inglaterra chegam notícias de que 80% dos homens de ciência que têm sido convidados a colaborar na fabricação secreta de bombas atômicas se negaram a isso.

Nos Estados-Unidos fala-se de um entendimento tácito internacional entre científicos para não produzir resultados se estes não forem dados à publicidade. «You can take a horse to water, but you can not make it drink».

É indubitável que homens de ciência de primeira linha emigrariam para

escapar ao segredo e à censura se pudessem ir para um lugar onde se investigasse com segurança e liberdade.

A PERSEGUIÇÃO EUROPEIA E O PROGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS EM 1930-1940

O grupo dos homens de ciência que nos Estados-Unidos deu os primeiros passos, em Fevereiro de 1939, para chegar à produção de bombas atômicas e ao aproveitamento industrial da energia nuclear era formado por: Leo Szilard, Enrico Fermi, Eugene Wigner, Victor Weisskopf e Edward Teller. Todos eles são homens de ciência europeus que emigraram para os Estados-Unidos em busca de segurança e liberdade. A eles se juntaram, depois, milhares de cientistas norte-americanos. Destes milhares, uma boa parte coroou a sua formação cientí-

fica com os ensinamentos e o estímulo de sábios europeus que deixaram as suas pátrias pela insegurança econômica, a perseguição política e racial e a falta de liberdade de investigação.

A história recente mostrou bem claramente que a falta de liberdade científica significa decadência industrial e militar dum país. A forjar as armas com que os países do Eixo foram derrotados contribuíram em alto grau, como vimos, homens de ciência nascidos e formados ali, aos quais aqueles países não souberam reter.

Conclusões da Assembleia Geral do Conselho Internacional das Uniões Científicas

EM conclusão dos trabalhos da Assembleia Geral do Conselho Internacional das Uniões Científicas, assentou-se em que:

1. A Assembleia Geral do Conselho Internacional das Uniões Científicas vê na grande potência para o bem e para o mal que as investigações sobre a energia nuclear põem à disposição do homem uma grande e oportuna ocasião de realizar uma nova unidade internacional, afim de desenvolver as vantagens inerentes à energia nuclear e de evitar o seu mau emprego. A Assembleia Geral apoia fortemente os esforços actuais das Nações Unidas para atingir um resultado imediato, esforços a realizar com a colaboração de sábios qualificados, e dá oficialmente o seu acordo tão importante para o respectivo êxito. A Assembleia Geral insiste sobre a oportunidade actual de impedir a Guerra pela adesão a esta nova unidade internacional. A Assembleia Geral espera que o acordo que se fizer sobre as aplicações da energia nuclear pode preparar um progresso importante na cooperação internacional para resolver os problemas económicos e políticos. O desenvolvimento dos acordos facilitará o acesso a um melhor futuro da humanidade, a utilização racional dos recursos naturais, a eliminação das causas de discussão e a solução das dificuldades que resultam de uma transformação contínua das situações no mundo em razão dos progressos científicos e técnicos.

2. A Assembleia Geral é de opinião que a energia nuclear não é o único factor científico que pode ter bons ou maus efeitos. Os produtos biológicos e bioquímicos, por exemplo, não foram utilizados na última guerra, mas a ameaça do seu emprego pode ser tão inquietante como a da bomba atômica; entretanto, os progressos realizados na sua preparação podem trazer o maior benefício ao conjunto da humanidade.

A Assembleia Geral está convencida de que a segurança internacional e o melhor bem-estar seriam irrealizáveis se uma nação, pelo segredo conservado em vista da utilização para fins

NOTICIÁRIO

A Sociedade do Filme Científico, de Londres, entre as várias actividades projectadas para o ano que vem, inclui uma série de conferências, sessões de filmes científicos para crianças, produção de filmes experimentais e publicação duma revista tri-mensal «O Filme Científico».

A direcção é: 34, Soho Square, London, W. 1.

— Durante o mês de Julho, Londres assistiu a um renascimento da vida científica internacional, com cientistas de todo o mundo reunindo-se para as várias Conferências que se realizaram: a Conferência Científica da Sociedade Real do Império, que durou 3 semanas, as Celebrações do Centenário de Newton, com cientistas de muitos países, a Conferência dos Raios X do Instituto de Física e a Conferência de Cambridge da Sociedade de Física; a Reunião Anual da Associação Britânica para o avanço da Ciência e a primeira reunião pós-guerra do Conselho Internacional das Uniões Científicas; uma Conferência especial da Associação dos Cientistas Atômicos, com muitos representantes do estrangeiro; e finalmente, a Conferência Inaugural da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos.

Todos estes acontecimentos mostram a importância e o papel central da aplicação do conhecimento científico. Os cientistas estão a compre-

ender rapidamente que essa mesma importância crescente lhes retirou os restos de independência que possivelmente ainda tivessem em relação ao sistema político e social existente. Torna-se cada vez mais claro que a ciência só pode tornar-se verdadeiramente internacional e construir uma nova base mundial na medida em que contribuir para resolver as dificuldades fundamentais da presente situação internacional.

— Foi publicado pela A. Sc. W. o relato completo da Conferência de Fevereiro deste ano, subordinada ao título «A Ciência e o Bem da Humanidade» («Science and the Welfare of Mankind»). Custa 2 s. e 6 d. e pode obter-se da Sede da Associação: 15, Half Moon Street, London, W. 1, ou de qualquer livraria inglesa.

— O Dr. Julian Huxley, célebre biólogo inglês, vice-presidente da A. Sc. W., foi eleito secretário da U. N. E. S. C. O. (Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas).

— A última obra do notável matemático e publicista britânico Prof. Hyman Levy, da Universidade de Londres, intitula-se «Social Thinking» e foi editada pela «Cobbett Press», de Londres, ao preço de 9 s. e 6 d. O autor, que os leitores do «Mundo Literário» já conhecem, do «Panorama Científico» inserto no n.º 26, é um dos mais lúcidos ensaístas britânicos sobre o problema fundamental das relações sociais da ciência e as suas obras têm uma grande expansão em Inglaterra. Entre elas destacam-se: «A Philosophy for a modern man» (1938, Gollancz, 7/6), «The Web of Thought and Action» (1954, Watts) e «The Universe of Science» (1958, Watts 1/3).

TODAS AS EDIÇÕES BRASILEIRAS CITADAS OU NÃO EM «MUNDO LITERÁRIO» PODEM SER PEDIDAS PARA LIVROS DO BRASIL, RUA VITOR CORDON, 29 — LISBOA, QUE AS ENVIARÁ RÁPIDAMENTE PELO SEU SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

militares, tivesse a intenção de reservar a utilização das descobertas científicas ou de impedir a franca discussão e a larga publicidade dos resultados conquistados. «Não há nenhum *contrôle* internacional, nem nenhuma cooperação internacional que possam limitar a comunidade internacional da ciência».

3. A Assembleia Geral do Conselho Internacional das Uniões Científicas, em nome dos homens de ciência das nações representadas, impõe aos sábios e aos seus colaboradores os deveres:

a) de manter a franqueza, a honestidade, a probidade da cooperação e trabalhos num espírito de compreensão internacional;

b) de promover o desenvolvimento da ciência na via mais útil à humanidade e de limitar tanto quanto possível o seu mau emprego;

c) de servir a comunidade não somente pelas suas investigações especializadas, mas, tanto quanto lhes seja possível, pela educação do público, fazendo conhecer os fins e as conquistas da ciência.

(Extracto dos *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris*, t. 223, N.º 7 (12 Août 1946) — p. 297).

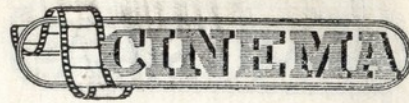
PRÊMIO NOBEL DA MEDICINA

O Prémio Nobel da Medicina foi este ano conferido ao biólogo americano Herman J. Muller, professor da Universidade de Indiana, membro da Academia Nacional das Ciências dos E. U. A. e da Academia das Ciências da U.R.S.S., pelas suas investigações de enorme interesse científico no campo da genética.

Este notabilíssimo cientista, que trabalhou no Instituto de Genética de Moscovo (1933-1937) e em vários outros países, em trabalhos altamente especializados, não esquece no entanto as suas responsabilidades sociais, tendo publicado em 1936 um belo livro — «*Out of the Night*» —, cujo sub-título — «*A visão do futuro de um biólogo*» — dá já uma ideia do que é o livro, de que o grande cientista britânico J. B. S. Haldane diz: «O autor é um dos biólogos mais notáveis do mundo, e as suas propostas, quer sejam ou não desejáveis, são absolutamente praticáveis. Se forem adoptadas, os resultados serão tão importantes como os da revolução industrial».

No prefácio, o autor afirma que «para a continuação do progresso material, cultural e biológico da raça humana, é indispensável uma profunda transformação económica e social».

NOTA. — Há uma tradução francesa, por Jean Rostand, editada em 1938 pela NRF, com o título «*Hors de la Nuit*». A edição inglesa foi publicada por Victor Gollancz, Ltd.



ENCONTRO NO CÉU

Um tal Gerald L. K. Smith faz um discurso em Los Angeles, atacando violentamente os negros e os judeus, e é protegido pela polícia, que espanca aqueles que protestam: a Klu-Klux-Klan reconstituiu-se: os negros são queimados vivos; três milhões de americanos perdem o emprego logo a seguir ao final da guerra com o Japão; o temor de uma crise maior do que a de 1929 cresce continuamente — Tal é a América do pós-guerra. Qual será, pois, a reacção dos americanos ante filmes como este, no caso de ainda lá serem exibidos, em que tanto se fala de morrer por um mundo melhor, quando esse «mundo melhor» já está tão à vista?

«*Encontro no Céu*», que tem muito de documentário, é bem conduzido por Georges Cukor, mas falta-lhe calor humano, apesar de nos parecer ser essa muitas vezes a sua pretensão. Deve-se isso, talvez, a uma deliberada deformação da realidade americana com o fito de tornar a sua defesa: todos os aspirantes a aviadores são uns camaradas, as mulheres dos camaradões são todas adoráveis e os superiores dos camaradões são tão compreensivos! É a tendência a persuadir, constantemente sensível, que deve tirar-nos, em grande parte, uma mais completa adesão ao que se conta.

AMAR FOI A MINHA PERDIÇÃO

E a perdição do crítico é ter que assistir a histórias destas até ao fim: uma rapariga amou o pai com um amor tão exclusivo que o levou a separar-se da própria mãe dela — uma acentuada tendência americana para os complexos! Falecido o pai, enamora-se e casa com um escritor pela sua grande parecença com aquele. Quere-o também de uma maneira exclusiva. Um irmão do escritor impede essa intimidade pretendida — mate-se o irmão. Um filho, deformando-lhe o corpo... — mate-se também o filho antes de nascer. O marido, vindo a saber destes crimes, foge. Há a suspeita que este possa gostar de uma irmã dela e logo vem o fatal suicídio simulando assassinato. E no tribunal

Quando é que os nossos editores passarão a dar-nos traduções de obras de real mérito, como esta, em vez de correrem atrás de lucros desmedidos, mesmo com prejuízo do verdadeiro desenvolvimento cultural da Nação?

tudo se volta a repetir escusadamente. Mas o escritor e a irmã da suicida serão felizes: o final está ali a prometé-lo.

A plástica e a forte personalidade de Gene Tierney.

FIM DE SEMANA NO WALDORF

«Então entregarei o colar ao arquiduque», diz uma das personagens. Ao que uma outra responde: «Isso é uma cena de um filme, o *Grande Hotel*». Mas não é só uma cena que lhe pertence, são pelo menos todas as da primeira parte, embora um tanto disfarçadas; o resto é uma mistura de cenas também já vistas noutros filmes. Se o espectador fizer um esforço para esquecer tudo o que já viu anteriormente talvez agora se consiga distrair um bocadinho.

«*Fim de Semana no Waldorf*», em conformidade com os tempos, adocicou-se e perdeu completamente a tendência realista e trágica do «*Grande Hotel*». Aqui o ladrão é um falso ladrão, que acaba por casar com a actriz entediada, e o velho que só tinha uns dias de vida passa a ser um jovem aviador que salva a dactilógrafa ambiciosa das garras do financeiro deshonesto.

A contrastar fortemente com o esforço sempre evidente de salvar a moral do filme aparece episódicamente uma cantora com uns «miados» incrivelmente eróticos.

UNIDOS PARA SEMPRE

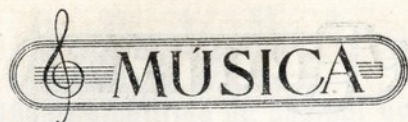
Uma viuva nova e bonita não quer pensar em casar segunda vez, contra a opinião do próprio sogro. Mas um dia encontra um escultor, o sogro ajuda... e passa-se uma noite agradável. A graça do filme deve-se, em grande parte, à inteligente interpretação de Irene Dunne e de Charles Coburn.

Ante a naturalidade e graça geral da representação contrasta um Charles Boyer, que parece apostado em recordar-nos o já tão fora de moda Charles Boyer de «*Traição*» e outros filmes franceses.

OS ANJOS QUE CANTAM

Quatro «anjos» cantam, mas um deles, Betty Hutton, tem uma personalidade forte demais para ser apenas a quarta parte de um quarteto e rouba o filme aos outros.

Alguma graça, algumas canções, e muito Betty Hutton, tal é o filme



PANORAMA MUSICAL

I

NESTAS colunas, onde, com superior critério, outros têm discorrido sobre alguns dos problemas e objectivos que estão na essência da música — permitir-me-ei abrir, de quando em vez, um parêntesis de amena prosa para inserir, sob a rubrica em epígrafe, alguns oportunos comentários que os mais significativos acontecimentos musicais do estrangeiro me forem sugerindo. Não me decidi a isto sem reflexão... Mas, dado o convencimento, em que estou, de que só a divulgação do exemplo conseguirá o que até agora não logrou o apostolado da palavra — e uma vez que este semanário, além de ser de crítica, é também de «informação» — o meu propósito encontra-se perfeitamente justificado.

Com efeito, num meio como o nosso, tão pouco dado a pensar e tão arredado das coisas ditas do espírito, parece-me inglório discorrer ou teorizar, sem, primeiro, alicerçar-se a curiosidade dos neófitos no espectáculo fértil de sugestões que nos oferece a vida musical europeia.

Divorciado das principais fontes de cultura, pela inexistência de boas revistas especializadas, o português médio desconhece todo ou quase todo o extraordinário movimento que vai pelo mundo, seja no campo literário, científico ou artístico. Mas o pensamento do homem não falece; e, uma vez depostas as armas, é no intercâmbio, livre e desinteressado, que vai encontrar o melhor esteio da sua renovação.

A falta duma verdadeira tradição cultural, torna-se, por isso, indispensável provocar, por contraste com o exemplo que nos vem de fora, necessidades que criem, no nosso meio pobre de recursos e de iniciativas, um ambiente propício à revelação de novos valores e à promoção de feitos culturais de útil significado social.

Parecerá ambicioso este objectivo? Respondam aqueles que, desconhecendo a extraordinária actividade musical que se desenvolve por essa Europa devastada pela guerra, não se aperceberam ainda do pouco caso que se liga à música neste Portugal poupado àquela...

De 4 a 14 de Julho, Londres viveu com entusiasmo os seus «Festivais Internacionais de Música».

Ao lado de nomes consagrados, revelaram-se, perante o mundo, alguns compositores ainda inéditos ou pouco conhecidos.

Dos primeiros, foram executadas obras como: uma «Ode a Napoleão», de Schönberg; um «Concerto para Orquestra», de Bela Bartok, o grande compositor húngaro recentemente falecido e que o público português tão mal conhece; uma «Sonata para dois pianos», de Strawinsky, cuja vinda a Lisboa se anuncia; um «Quarteto», de Hindemith, alemão exilado pelo nazismo; e uma «Ode ao fim da guerra», do soviético Prokofieff.

Dos novos, dois que se salientaram: o tcheco Jos Zavadil, com uma «Suite para violino e piano»; e o italiano Dalla Piccola, com os seus «Cantos de cativo». Portadores da mesma mensagem de esperança e maldição, eis o «Quarteto de cordas» de Fitelberg; as «Canções de infância», de Panufnik; e o «Concerto para violino», de Palester — todos polacos e prisioneiros dos campos de concentração.

A França esteve representada, também, pelos seus *resistentes*: Elsa Barraine, com a sua «Segunda sinfonia» — obra que, segundo me consta, ouviremos na presente temporada, pela Orquestra da Emissora; Olivier Messiaen, com o «Quarteto para o fim do tempo», já revelado entre nós num recital de «Sonata»; e Raymond Loucheur, com um «Nocturno». A Inglaterra apresentou uma nova ópera de Benjamin Britten «O rapto de Lucrecia»; uma «Cantata», de Webern, que suscitou grande entusiasmo; e os «Prelúdios» da novel compositora Elisabeth Lutyens.

Estes Festivais fizeram-se caracterizar por grande elevação e entusiasmo, pensando os seus organizadores ampliar, para o próximo ano, a representação internacional, a fim de permitir a revelação de compositores ignorados.

Em Salzburgo, pátria de Mozart, a actividade musical foi, também, no passado mês de Agosto, extraordinariamente fértil.

Audições de obras de câmara de Debussy e Ravel, pelo quarteto Calvet, ao qual se juntou Jacques Fevrier, como solista, para executar o quinteto de César Frank. Vários recitais do pianista Edwin Fischer e um de Grace Moore. Uma magnífica versão da «Missa em Mi Bemol» de Schubert. Concertos ao ar livre, sob a regência de Baumgartner. Representações na «Festspielhaus» das óperas «O cavaleiro da rosa», de Strauss, e «D. Giovanni» e «Bodas de Fígaro», de Mozart, em que foram notáveis as interpretações de artistas líricos como Konezni, Anton Dermota e Hans

Hotter, Erich Kunz e Maria Cebotari, dirigidos pelo maestro Prohaska.

Na Suíça, esse pequeno-grande país, o forasteiro (traduzo do jornal que me dá a notícia) «fica aturdido pelo número de iniciativas privadas ou *municipais* (o sublinhado é meu) em favor da música durante este período canicular, e não sabe que caminho tomar. Em Gstaad, no ri-dente vale do Oberland, o quarteto Loewenguth executa uma série de «quartetos» que vão de Haydn a Debussy; em Saint-Moritz, no Engadine, artistas de classe internacional sucedem-se em cadência rápida; e em Braunwald podem seguir cursos e conferências sob o tema de «O Ritmo na Arte», onde encontrareis entre os principais conferentes a pessoa de Arthur Honegger». (!)

Enquanto isto, realizavam-se em Lucerna, também no decurso do mês de Agosto, as célebres «Semanas Musicais Internacionais» que contam já oito anos de tradição.

Nestes concertos, figuraram regentes de orquestra como Malcolm Sargent, Paul Kletzki, Vittorio de Sabata, Robert Deuzler e Paul Paray; violinistas como Yehudi Menuhin, Zino Francescatti e Kulenkampf; pianistas como Edwin Fischer, Nikita Magaloff e Robert Casadesus. Entre as principais obras executadas, podem nomear-se o «Requiem» de Mozart e duas representações (duas!) da «História do Soldado», de Strawinsky.

Pouco antes destas «Semanas», Toscanini havia passado por Lucerna, com a Orquestra Sinfónica do Scala, e realizado dois concertos, nos quais foi dada em primeira audição a abertura de «Colas Breugnon», do moderno compositor russo Kabalievsky.

Finalmente, de 25 de Setembro a 6 de Outubro, disputou-se, em Genebra, o afamado «Concurso Internacional de Execução Musical», iniciativa do Conservatório da mesma cidade e reservado apenas a músicos de menos de 30 anos de idade. Para se avaliar o brilho de que se revestiu, basta citar que concorreram 526 executantes de 35 países: 251 senhoras e 275 homens! Os candidatos distribuíram-se assim, por instrumentos: piano, 188; canto, 138; violino, 95; violoncelo, 42; flauta, 22; oboés, 11; e ainda 8 quartetos, sendo dois femininos.

O concurso terminou com um grande concerto no «Victoria Hall», de Genebra, onde os laureados tocaram com a Orquestra da «Suisse Romande», regida pelo grande maestro suíço Ansermet.

Na esteira das brilhantes tradições da sua vida musical, a temporada de verão em França foi também excepcionalmente notável. Dois nomes a representam: Deauville, conhecido pelo seu mundanismo, e Vichy que se

orgulha de ser «o primeiro centro musical de verão».

Em Deauville, a temporada foi inaugurada com uma «Homenagem a Chopin» — «harmoniosa síntese da música e da dança», como a define um jornal francês — e em que se distinguuiu a bailarina Solange Schwartz.

Em dança, obteve também grande êxito Lycette Darsonval.

Seguiram-se recitais por artistas de renome mundial, tais como Grace Moore, Jeannette Mac-Donald, Alfred Cortot, Marcel Ciampi, Niedzielski, Jacques Thibaud e o Quarteto lírico russo. Dirigidos por Otto Klemperer, realizaram-se ainda dois concertos organizados pela Sociedade de Concertos de Paris.

Em Vichy, entre os artistas contratados, figurou também o grande violinista Jacques Thibaud; e, além deste, o violoncelista Paul Tortelier (dos Concertos Colonne) que tocou com orquestra o «Concerto» de Saint-Saens, e Lucette Descaves que foi solista no «Concerto para piano e orquestra», de Prokofieff. Maestros principais: Paul Paray e Louis Beydts.

Uma grande companhia de bailados deu vários espectáculos, destacando-se as suas interpretações da «Valsa», de Ravel; do «Festim da aranha», de Roussel; da «Shéhérazade», de Rimsky-Korsakoff e do «Tricórnio», de Manuel de Falla. O referido corpo de baile, que actuava sob a direcção de Léo Staats e Paul Durozoi, mestres de dança da Ópera de Paris, tinha como estrelas Lucette Lauvray, Yvette Bouland e Igor Fosca, dos Bailados Russos, considerado um dos maiores bailarinos da actualidade.

Não se diga, porém, que a música, cortesa e requintada, serve apenas os grandes senhores. Com maior ou menor permanência, quase todas as cidades francesas da província receberam a sua visita. Podemos citar, ao acaso, os dois ciclos de concertos em Orange pela Orquestra dos «Concertos Clássicos de Marselha», e a «saison liryque» em Aix-les-Bains, com óperas como «D. Pascoal», «Matrimónio Secreto», e a «Traviata»...

*

Basta o que fica, para larga margem de reflexão. Jornais franceses houve que se fizeram representar, nos Festivais descritos, por «enviados especiais». A nossa Imprensa, entre a baixa reportagem e os anúncios, não encontrou espaço para duas linhas que se lhes referissem...

Agora, porém, que estamos no começo de nova temporada, depois de quase três meses de abstinência, parece adquirir maior significado a menção do que foi, musicalmente, nalguns países, este verão de 1946...

HUMBERTO D'ÁVILA

AO FAZER ENCOMENDAS
AOS NOSSOS ANUNCIANTES
MENCIONE O
«MUNDO LITERÁRIO»

TEATRO

«O Grande Advogado»

UMA obra dramática é sempre um todo uno — uma máquina composta por inúmeras pequenas peças, cada uma desempenhando determinada função, mas concorrendo todas para a realização de um mesmo fim. Por muito desintegrada e distorcida que seja a técnica empregada pelo dramaturgo (não arbitrariamente, bem entendido, mas por a acção dramatizada assim o exigir), nunca poderá deixar de existir uma íntima unidade de fundo. (O exemplo do teatro expressionista — em que o caótico, o desesperado e o frenético da acção reflectiam bem o condicionalismo de uma época marcada pelas mais agrestes e revoltantes contradições sociais e em cujo seio se geraria o monstro do nazismo — é, a este respeito, bem significativo). Se não existe essa unidade a que aludi, poderemos ter, quando muito, uma sucessão de diálogos mais ou menos ligados entre si — mas nunca esse corpo unitário que é uma peça de teatro.

O primeiro equívoco do sr. Joaquim Sabino de Sousa, autor de *O Grande Advogado*, três actos aprovados pelo Conselho de Leitura que funciona junto do Teatro D. Maria II, foi, a meu ver, o de julgar que escreveu uma peça. Alinhou diálogos — que enfermam do pior gosto literário, bordados como são de retóricos e gastos lugares-comuns —; juntou situações — as mais das vezes postizas e artificiais, como (por exemplo) o final do 1.º acto, a cena do colar no 2.º, o telefonema do 3.º acto, as duas intervenções em sentido inverso do agente, as saídas de cena de algumas das figuras, etc. —; atirou para o palco com meia-duzia de bonecos sem vida, que de personagens teatrais nada têm — inteiriços, absolutamente indotados de mobilidade psicológica e, por conseguinte, falhos de verdade humana: o rígido e austero juiz é apenas rígido e austero, a sua mártir e bondosa mulher apenas bondosa e mártir, o primo conquistador limita-se a perturbar corações, a amiga faladora fala muito, e tudo a afinar pelo mesmo diapásão de estereotipia. Simplesmente — não escreveu uma peça.

Com efeito, o primeiro acto abre com uma cena preparatória de uma acção que só é retomada a partir do meio do terceiro acto. Quer dizer, todo o resto do primeiro acto, o segundo acto inteiro, e a metade inicial do terceiro — ou sejam, pelo menos, dois-terços da peça — são absolutamente inúteis para essa acção. Se não existissem, não se daria pela sua falta. Se fossem diferentes, também não fa-

zia mal. Mas era preciso tapar de qualquer maneira aquele vazio cavado pela ânsia primária de manter em suspenso até final a curiosidade do público. E para isso, o autor não hesitou em lançar mão dos mais grosseiros expedientes — por exemplo, «Madalena», no 1.º acto, começa a narrar a «Luiz» a história do seu filho, e interrompe-a com um «depois te conto o resto» para que fiquemos até ao fim sem saber que misterioso destino teve esse filho de quem se não volta a falar em toda a sequência da peça, até à sua aparição a dez minutos do tombar no pano:

O segundo equívoco do sr. Sabino de Sousa é de ordem cronológica. Esqueceu-se de que estamos em 1946 — e assim, quando reata o fio da meada abandonado pouco depois do início, oferece-nos duas ou três cenas de puro melodrama nascidas com, pelo menos, três quartos de século de atraso! E tudo se resume a um estafadíssimo, rançoso e lacrimal conflito em que se degladiam o dever e o coração, o qual coração vem a saber-se, lá para o fim, que é afinal «o grande advogado»!... Não dou mais de dois meses para os clubes dramáticos e as sociedades de recreio levarem à cena, sófregos, os três actos pequeno-burgueses do Sr. Sabino de Sousa.

O que custa é ver artistas da categoria de Samwell Diniz a perderem tempo e a malbaratarem talento com banalidades tão sêdicas como este *Grande Advogado*. Honra lhe seja, mesmo assim, por ter sabido imprimir à representação o tom natural que falta ao texto. A ele e a Adelina Campos se deve o acerto da cena com que abre o 2.º acto. E Palmira Bastos, se exceptuarmos o estilo plangente da sequência final, manteve-se ao mesmo tom dos citados artistas.

Mais ainda custa verificar-se que um Conselho de Leitura aprovou o original do Sr. Sabino de Sousa. Decerto, o espírito parece que imortal do Conselheiro Acácio encarnou nos membros do ilustre areópago, e ditou-lhes a judiciosa escolha. A menos que o objectivo a atingir pelo dito Conselho seja o de ver se acaba de vez com essa coisa incómoda e supérflua que é um teatro português vivo...

LUÍS-FRANCISCO REBELLO

OS EDITORES INTELIGENTES
SABEM QUE ANUNCIAR EM
«MUNDO LITERÁRIO»
É UMA GARANTIA DE SUCESSO

O SAUDOSISMO E OS DESASTRADOS

POR JORGE DE SENA

PUBLICOU recentemente a página literária de «O Primeiro de Janeiro» (de 30 de Outubro) um artigo sobre «Pascoais e o saudosismo», da autoria do Ex.^{mo} Senhor Dr. Sant'Ana Dionísio. Esse artigo não me mereceria mais atenção que a actualmente devida às produções parafilosóficas de tão formoso espírito paraliterário, se o autor ilustre do *Antero* e das *Tangentes* não houvesse incluído, no seu escrito, entre aspas e anónimamente, frases ou expressões minhas, extraídas e abstraídas de artigos insertos no *Mundo Literário*, e se, no seu fervor atrazado e extemporâneo por Pascoais, as não citasse e comentasse desvirtuando-as de verdadeiro valor e sentido, o que é simplesmente traição a mim e ao Pascoais que tão desastradamente deseja servir.

Por razões extrínsecas e sobejamente conhecidas, que tem favorecido imenso o pendor desonesto da intelectualidade portuguesa, a crítica, o ensaísmo e o artiguismo nacionais enveredaram por um sistema de alusões cobardes e interpretações deturpadoras, à custa das quais vão miando, em proveito duvidosamente geral, os restos de consciência lúcida e de cultura sólida que o pobre público indefeso ainda possuía. Sei que, por outro lado, é exigência esperar um pouco melhor de uma época demasiado amante da justiça para poder tomar a sério a verdade. Mas, quando um pensador se apresenta como independente, como desinteressado e solitário cavaleiro andante em defesa da «civilização ocidental» (donzela em perigo, por cuja virgindade é pelo menos cómico terçar armas...), e em defesa do espírito e da «convivência das reflexões» e de outros produtos igualmente comerciais, contra a concorrência do «bárbaro moderno», parece-me aspiração singela o desejarmos que esse mesmo pensador (ou escritor? ou articulista?) utilize em larga escala, sem preconceitos de economia mesquinha, as virtudes que tão ciosamente apregoa quanto avaramente arrecada...

O facto de o Dr. Sant'Ana Dionísio ser, como se depreende do elegante e dantesco (de Dantas) preâmbulo do

seu artigo, um «aterrado atómico», embora explique muitas confusões inerentes a tais amantes espirituais da matéria, não o dispensa de compreender com clareza e de, principalmente, citar com boa fé.

Em artigo inserto no *M. L.*, n.º 10, frisei que «é sempre injusto identificar um grande poeta com a escola que por ele tenha surgido, ainda que por ele próprio doutrinado». Todo o artigo, de crítica a «Oiro e cinza», de Mário Beirão, é dedicado, como não devia deixar de ser, a estudo do saudosismo e seus prolongamentos — e várias vezes é nele citado o nome de Pascoais, em termos de valor, que não sei quem mais, da minha geração, terá usado. Aí se fala em «génio pessoalíssimo» e em «originalidade». Aí se demonstra, como noutro artigo, que publiquei no *M. L.* n.º 24 (1), a importância do saudosismo para compreensão do bom e do mau da ulterior literatura portuguesa. No n.º 21 do *M. L.*, aponte algumas razões que levam a homenagear «Eugénio de Castro, Mário Beirão e Lopes Vieira, em vez de Camilo Pessanha, Pascoais ou Pessoa» (2). No n.º 9... — já lá vamos. É evidente, que, só nos seis meses de existência do *Mundo Literário*, tenho feito mais para quebrar a «discreta obra prima de emparedamento» (palavras do Dr. Sant'Ana) em torno de Pascoais, do que o próprio Dr. Sant'Ana Dionísio em vinte e cinco anos de prosa e de café.

Ora, no n.º 9 do *M. L.*, eu, ao referir-me a Cecília M^{re}ires, depois de caracterizar «o escasso material poético de Cecília» e a expressão dos líricos puros, invoco o exemplo de Pascoais, e comento: «Não é por acaso que estou chamando a atenção para Pascoais. Trata-se de um grande poeta que se governou sempre com meia dúzia de fráguas (no saudosismo, as pedras tem, em geral, de rimar com águas) e fontes, e um sol e uma lua que não é certo brilharem de noite ou de dia». E, anteriormente, a invocação do exemplo, feita a propósito do «silêncio natural das essências despojadas», que é um dos limites da pura lírica, fôra-o nos seguintes termos: «Veja-se quão fantasmático é o mundo de Pascoais, cujo paganismo não consentiu as transformações finais de sombra em espírito e deste em coisa nenhuma. Fantasmático e não fantástico — muitos fantasmas e pouca fantasia».

Isto, que toda a gente compreenderia, se quisesse, não o soube compreender o Dr. Sant'Ana Dionísio. E acomete: «debalde se terá tentado diminuir a riqueza de inspiração cósmica dos seus versos brancos pela afirmação brejeira de que o poeta, embora de vulto, «sempre se governou com meia dúzia de fráguas».

Como se vê, não precisei de falar em «inspiração cósmica» — livra! — pelo contrário, é o Dr. Sant'Ana quem cobre Pascoais de ridículo com essas poéticas de espiritualismo barato. Não fiz distinção entre os versos brancos e os versos rimados de Pascoais; pelo contrário, é o Dr. Sant'Ana quem atribui «riqueza de inspiração» só aos versos brancos. Não disse que o Poeta se repetia, e sim que era monótona a sua imagística, como é monótona a de Shelley ou a de Antero; e, pelo contrário, é o Dr. Sant'Ana quem confessa textualmente (2.^a coluna, linha 8) ter dormido bons sonos à sombra de Pascoais e de Homero! Eu não escrevi que Pascoais se governara com meia dúzia de fráguas, mas com «meia dúzia de fráguas e fontes, e um sol e uma lua», que é um tanto mais; quem ficou só com as fráguas atravessadas foi, pelo contrário, o Dr. Sant'Ana. Eu limitei-me a diferenciar elementos fantasmáticos e elementos fantásticos, não neguei a existência dos segundos em Pascoais, e apenas afirmei o facto indiscutível que é a predominância dos primeiros; quem explica visarem estes elementos fantasmáticos «a alma abscondita dessas mesmas «coisas» (fráguas, árvores e fontes)», fazendo a poesia de Pascoais baixar assim ao nível de um grosseiríssimo animismo, é ainda o Dr. Sant'Ana. Eu sublinhei que o paganismo de Pascoais o salvou da nadiificação da poesia; quem o acusa de «subir de graça, em vertical, no sentido do puro inefável», é ainda e sempre o Dr. Sant'Ana. Que raio de helicopteroísmo gratuito!... E basta.

Lamento profundamente que a minha admiração por Pascoais e o meu respeito pelos factos tenham exigido, por intermédio do Dr. Sant'Ana Dionísio, esta rectificação.

(1) — «Sobre um artigo esquecido de Fernando Pessoa».

(2) — «Homenageados e homenageadores».

RUA DAS CHAGAS, 17 - A



CALENDAS

ANTIGUIDADES

VALE-LHE A PENA ASSINAR

«MUNDO LITERÁRIO»

LEIA

A POESIA DE JULES
SUPERVIELLE

POR

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

com uma antologia que compreende
as melhores poesias do grande poeta
EDITORIAL CONFLUÊNCIA, LDA.

CRÍTICA

«MERIDIANOS CRÍTICOS» — POR MANUEL ANSELMO

(Conclusão da página 12)

nem sequer os arqueólogos, da côr dos olhos da linda amante de Artaxerxes. A sucessão das gerações, aparentemente higiênica no significado do avanço social, mantém no germe propagado a imagem da mesma candura que o nosso velho pai Adão trouxe nostalgicamente do Paraíso». (pág. 249). Perguntamos ao leitor se encontra algum sentido nesta sucessão de palavras alinhavadas umas atrás das outras. Pela parte que nos toca, respondemos que não, pois não somos decifradores de charadas — ista dado o caso de ter solução este novo género de *charadas*.

No fim de contas, que concluir de tudo isto? Que *Meridianos críticos* é um caso flagrante de *patologia literária*, no grau mais elevado que se pode conceber. Se o sr. Manuel Anselmo gastasse quase trezentas páginas para, ao fim e ao cabo, pouco ou nada dizer — ainda a coisa não ia mal de todo! O pior é que o referido senhor as enche com prosa cujo valor é facilmente avaliado pelas numerosas transcrições aqui deixadas — e que é a negação completa daquilo que o sr. Anselmo nos quer fazer acreditar que seja: um *intelectual* e um *escritor*. Nem uma coisa nem outra! Se fosse um *intelectual* não mostraria uma quase total ausência de espírito crítico e de ideias acertadas; se fosse um *escritor* não escreveria *Meridianos críticos*, uma excelente lição de péssimo estilo a indicar a todos os estudantes de português.

«Este meu livro (...)» — diz o sr. Manuel Anselmo — «é um novo documento que ofereço à Pátria». (pág. 8-9). Confessamos, antes de mais, que se trata na verdade de um *valioso* documento! Mas, ai da Pátria, se aceitasse a oferta! Seria um mau sintoma, um sintoma de que a Pátria perdera completamente todas as qualidades que, apesar de tudo, julgamos ainda ter. Não, sr. Manuel Anselmo! A Pátria não pode aceitar a oferta, porque a Pátria somos nós. Nós, homens de todas as condições sociais, que, ainda temos a consciência necessária para não comermos gato por lebre.

Porque o que nos choca em *Meridianos Críticos* não é o facto do sr. Manuel Anselmo se declarar um «espírito livre» ou falar na sua «pena objectiva, imparcial e independente». Julgamos mesmo que devem ser essas as condições essenciais do verdadeiro intelectual. O que nos choca é o facto de pretender estar *au dessus de la mêlée* e as páginas que escreve o negarem categoricamente.

Que o sr. Manuel Anselmo seja desta ou daquela facção política, que tenha incondicional admiração por esta ou por aquela figura destacada do nosso país — é questão que não

nos interessa aqui discutir. O que nos interessa sublinhar é que, ao contrário do que o autor de *Meridianos críticos* supõe, a sua *propaganda* é nitidamente contraproducente para as ideias que pretende defender. Porque não é usando os métodos *intelectuais* do sr. Anselmo, nem escrevendo como escreve, que se recrutam adeptos.

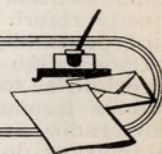
E, para terminar, não podemos deixar de nos referir à *Marginália* — onde os Editores (?), em frases encomiásticas, como não podia deixar de ser, traçam a brilhante biogra-

fia do autor e o consideram um homem e nma inteligência invulgares, um «revolucionário», etc., etc. Ora a referida *Marginália* coloca-nos numa ingrata situação, visto que, depois de tudo o que dissemos ao longo desta crónica, — prova clara de que não concordamos com a afirmação de um escritor brasileiro que diz: «Manuel Anselmo é uma das maiores inteligências com que me hei deparado na vida» — ou somos «invejosos ou anal-fabetos».

Outro facto queremos, por último, apontar: julgamos ver, na *Marginália*, um flagrante caso de *influência literária* da prosa do sr. Manuel Anselmo. Será que os Editores apreciam tanto o estilo do autor que procuram imitá-lo? Ou dar-se-á um caso diferente, bem mais triste?...

NATANIEL COSTA

TRIBUNA DO LEITOR



ESCOLA FLORBELIANA

A. M. E., «leitora e admiradora» do «Mundo Literário», pedc-nos, em carta, que esclareçamos quais as razões de termos afirmado que «não há», não houve, e nunca ninguém disse que houvesse uma escola florbeliana, (*) quando a mesma senhora tem «sobre a mesa de trabalho um volume intitulado «Florbela Espanca e a sua obra, da prof.^a D. Aurélia Borges», no qual «há um capítulo — Escola Florbeliana — em que se afirma a existência duma «escola» tipicamente florbeliana, sobejamente provada pelo aparecimento de inúmeros poetas escrevendo com as características inconfundíveis da poesia de Florbela Espanca».

Quanto à existência de «escola», o eco referido poderia ter, se lido com atenção, elucidado a Senhora D. A. M. E. Lá se diz que «não há, e felizmente, porque não «chegam» para fazer escola as laboriosas bordadeiras de sonetos do seu (dele e delas) tempo». O facto de serem — eles e elas — em número infinito não adianta, porque, como disse Fernando Pessoa: «Os cavalos da cavalaria é que formam a cavalaria. Sem as montadas, os cavaleiros seriam peões.» E ou temos da «escola» um restrito e elevado sentido, ou aceitamos como alunos quantos, por apetite rítmico, se matriculam na cadeira de «Repetição»...

Quanto ao «nunca ninguém disse que houvesse» — não vai, por certo, a Snr.^a D. A. M. E, obrigar-nos a afirmar, «categoricamente», a inexistência da prof. D. Aurélia Borges, o que, além de ser inexacto,

era injusto, e portanto, em desacordo com o espírito da sua própria missiva.

Pergunta ainda a nossa correspondente: «o que seria necessário para que a grande poetiza alentejana tivesse feito escola?» Vamos tentar responder, embora salientando que a pergunta ou é maliciosa..., ou contradiz inconscientemente a certeza manifestada algumas linhas antes («sobejamente provada»). Para que um grande poeta faça uma verdadeira escola é preciso que, nos seus poemas, desenvolva um conjunto de «ideias» poéticas, cuja exploração possa, sem sacrificio de personalidade, ser continuada por outros poetas. Certas imagens e certos estados de espírito, só por si, não bastam, com ser repetidos, para o dialéctico desenvolvimento da expressão ainda que bastem para a formação de uma imagística. Aplicando estas normas a Florbela, acrescentaremos que as suas mais notáveis intuições — o paganismo originário, a vida como encantamento —, aquelas que lhe dão, de facto, uma preciosa categoria, nem foram continuadas pelos continuadores, nem ela própria, muitas vezes entregue apenas ao sortilégio de alguns lugares comuns da forma do seu tempo, as explorou com a lucidez que é apanágio dos mestres.

Bem sabemos que Florbela exprime, com rara felicidade, uma feminina vivência poética. Esta é inteiramente intransmissível — só a experiência e o talento dela a poderiam ter dado, e a Senhora D. A. M. E., que é Mulher, como acreditamos, sabê-lo-á muito melhor do que nós.

Vale de Gaio, 26-11-1946

JORGE DE SENA

(*) M. L., n.º 22 — Hospital das Letras: Uma frase, duas frases...

Sobre os desenhos de Júlio

(Conclusão da página 1)

sua obra é sempre *intenção*, isto é, resposta de um espírito e de uma sensibilidade, participação nos processos da vida — tudo menos indiferença. Por isso a expressão sobreleva à forma, e a solução dos problemas que esta propõe fica condicionada pela urgência da *resposta* que cada obra constitui.

Não me parece arbitrário afirmar que as séries do «Poeta» e do «Circo» representam, hoje, aquelas duas tendências ou linhas fundamentais da arte de Júlio que já referi. Mas linhas que se interpenetram ou confundem; e vemos então na serie do poeta exprimir-se toda a amargura dos pobres humanos espesinhados e torturados, e nas figuras caricatas e amargas do circo revelar-se a doce ternura pelas coisas.

Entre uma linha singela, pura, que mal parece pousar sobre o papel, seja tinta da china ou lápis, e o esfarrapado, mais denso, mais sombrio de um desenho que já se complica, entre estes extremos se tem desenvolvido sempre a arte deste desenhador que só muito lentamente se impôs à admiração dos seus contemporâneos, e não obstante, foi criando nestes últimos vinte anos, uma obra que reflecte exemplarmente as mais vitais inquietações da arte de uma época dolorosa. Porque, amante das belas formas, como todo o plástico, Júlio não cessou de buscar a expressão sem a qual as belas formas não são nada. Tendo um sonho de poeta a pôr em imagens não esqueceu que esse sonho se desenvolve no meio de um drama, e desse sonho e desse drama fez a substância da sua obra. Hoje, que tanto se fala na arte que transforma, e não se limita a representar aparências, é de plena justiça lembrar que Júlio em momento nenhum da sua obra esteve alheio da realidade, embora os olhos cegos não vissem — e talvez continuem cegos para ver — que o mais alto dom do artista é, sabendo ver a chaga, não deixar por isso de ver e dar forma ao que, apesar dela, é belo.

ADOLFO CASAS MONTEIRO

Estas palavras acompanham o catálogo da exposição de desenhos de Júlio inaugurada ontem em Coimbra, no salão da Delegação do «Primeiro de Janeiro» naquela cidade.



DESENHO DE JÚLIO

«Mundo Literário» ouve o filósofo francês Vladimir Jankélévitch

(Conclusão da página 1)

guerra. E Jankélévitch lembra-nos também que, afinal, um Gabriel Marcel, inegavelmente existencialista, deve ter publicado o seu «Journal Métaphysique» em mil novecentos e vinte e tal.

Notamos que o nosso entrevistado reage com bastante calor, no receio de que, a nossos olhos, a filosofia francesa apareça demasiado sob as côres do existencialismo. Toda a sua vivacidade brilha nos olhos profundos, que nos fitam insistentemente, e o seu rosto móvel, *tendu*, que a meditação parece ter emaciado, revela bem o calor que põe em tudo quanto afirma. Calor, vivacidade, são expressões que não podemos deixar de empregar para caracterizar esta figura de filósofo, que com tanta simplicidade acolhe o entrevistador e as suas indiscrições... Indiscrições que o director da «Alliance Française» nos vem lembrar ser tempo de dar por terminadas. E em má hora, porque não chegamos a interrogar Vladimir Jankélévitch sobre a sua próxima obra. Promete-nos, para quando regressar a Lisboa, a con-

tinuação da entrevista. Mas, para que os leitores não esperem demasiado, não quisemos deixar de registar desde já a conversa que quis ter connosco — para os leitores de «Mundo Literário».

P. S. — A entrevista concedida por Vladimir Jankélévitch ao *Diário de Lisboa*, permitiu-nos verificar, com pasmo compreensível, que aquilo que julgáramos um simples lapso, ou então ilusão dos nossos ouvidos, era pura realidade, e intencional, pois lemos no brilhante jornal da tarde, a linhas tantas da já mencionada entrevista:

«De política não se fala, tanto mais que o sorriso discreto do dr. Paul Hinterlang, director da «Alliance Française» em Portugal, que está presente, embora não constitua uma censura, representa, no entanto, uma indicação prudente...».

Pela parte que nos toca, julgamo-nos no direito de acrescentar que, o sr. Paul Hinterlang não se limitou ao sorriso discreto.

Permitimo-nos estranhar.